

Estruturalismo ou não-estruturalismo? Homenagem a Oswaldo Porchat¹

Structuralism or not-structuralism?
Homage to Oswaldo Porchat

Luiz Paulo Rouanet

<https://orcid.org/0000-0002-8623-4400> - E-mail: luizpaulorouanet@gmail.com

RESUMO

A partir de uma provocação feita pelo Professor Oswaldo Porchat Pereira, este texto procura analisar vantagens e desvantagens do estruturalismo como método de pesquisa em Filosofia, e as limitações que pode impor ao pensamento filosófico autoral. Na primeira parte, examina o texto de Victor Goldschmidt, "Tempo lógico e tempo histórico na interpretação dos sistemas de Filosofia", considerado uma espécie de manifesto do estruturalismo em Filosofia. Na segunda parte, efetua algumas críticas a esse método, tomando como referência o texto de Porchat "Discurso aos estudantes sobre pesquisa em Filosofia". Na conclusão, procura efetuar um balanço da discussão e se posicionar em relação à alternativa, proposta por Porchat, entre "estruturalismo ou não-estruturalismo".

Palavras-chave: Estruturalismo. Método. Não-estruturalismo. Ceticismo. História da Filosofia no Brasil.

ABSTRACT

Abstract: This paper originates in a comment made by late Professor Oswaldo Porchat Pereira, about the alternative structuralism x non-structuralism. The paper tries to examine the pros and

¹ Este texto foi apresentado primeiramente em uma palestra online no HH do Costa Mattos, no dia 22/05/2024, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VqtGkrbVkJM&t=3563s>. Acesso em 11/06/2024. Agradeço aos organizadores pelo convite.

cons of structuralism as a method of research in Philosophy, and also the limitations it can put on the free philosophical thinking. In the first part, it examines the emblematic paper by Victor Goldschmidt, "Temps historique et temps logique dans l'interprétation des systèmes philosophiques", a kind of "manifesto" of the structuralism in Philosophy. In the second part, it makes some criticisms to this method, taking as a point of depart the paper by Porchat "Speech to the students about research in the field of Philosophy" (PEREIRA, 2010). In the conclusion, it makes an evaluation of the debate, trying to get a stand face the dilemma put by Pereira: structuralism or not-structuralism?

Keywords: Structuralism. Method. Non-structuralism. Skepticism. History of Philosophy in Brazil.

"Entre as marcas e as palavras, não difere a observação da autoridade aceita ou o verificável da tradição. Por toda a parte há somente um mesmo jogo, o do signo e do similar, e é por isso que a natureza e o verbo podem se entrecruzar ao infinito, formando, para quem sabe ler, como que um grande texto único" (FOUCAULT, 1992 [1966], p. 50).

"Saber consiste, pois, em referir a linguagem à linguagem. Em restituir a grande planície uniforme das palavras e das coisas. Em fazer tudo falar, isto é, em fazer nascer, por sobre todas as marcas, o discurso segundo do comentário. O que é próprio do saber não é nem ver nem demonstrar, mas interpretar" (FOUCAULT, 1992 [1966], p. 56).

Introdução

Este texto nasceu de dois encontros que tive com dois dos grandes nomes da Filosofia no Brasil: Oswaldo Porchat Pereira (1933-2017) e José Arthur Giannotti (1930-2021), que nos deixaram há pouco tempo. Com o primeiro, tive apenas um breve encontro, durante um almoço em São Paulo, a meu convite, há alguns anos (2013). Eu cogitava, então, reeditar a tradução famosa do livro de Victor Goldschmidt, *A religião de Platão*, livro que me marcou muito, durante a graduação, e que ainda tenho em alta conta. Este projeto acabou não se realizando, mas, durante a conversa, além de apontar algumas pequenas correções que gostaria de fazer na tradução publicada, Porchat me contou uma história a respeito de seu ex-orientador na França, Victor Goldschmidt (1914-1981). Segundo relatou, Porchat visitou Goldschmidt alguns anos antes de seu falecimento, portanto, no final da década de 1970, início da década de 1980. Goldschmidt convidou-o para um passeio, em um bosque próximo à sua residência, em Clermont-Ferrand. Ali, teria dado a entender que ele próprio, Goldschmidt, não se consideraria mais um estruturalista. Confissão chocante da parte daquele que é considerado como um dos "pais" do estruturalismo em Filosofia, ao lado de Martial Guérout e alguns outros.

Ao final do almoço, pedi a Porchat que autografasse o meu exemplar de *A religião de Platão*. Porchat escreveu então, na página de rosto do livro: "Ao Luiz Paulo: estruturalismo ou não-estruturalismo? Um abraço do Porchat. São Paulo, 11/11/2013". Além de me deixar honrado, a dedicatória em tom de interrogação constituía, obviamente, um desafio. De certa maneira, Porchat me incentivava a tentar responder a essa pergunta. Agora, com esta oportunidade, espero responder em parte a ela, e pagar também, em parte, minha dívida com Porchat.

Nunca fui aluno diretamente de Porchat, mas sempre fui seu admirador, desde o primeiro livro que li ao entrar na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP), a saber, *Filosofia e a visão comum do mundo* (PEREIRA; PRADO JR.; FERRAZ, 1981). Este livro, admirável sob todos os pontos de vista, constitui um debate entre Porchat e dois outros grandes

nomes da Filosofia brasileira: Bento Prado Júnior e Tércio Sampaio Ferraz. Em tom primeiramente autobiográfico, Porchat descreve como se desencantou, primeiro, com a religião, e depois, com a própria Filosofia. Após algum afastamento da Filosofia, para “viver uma vida comum”, o filósofo percebe a inaniidade, e mesmo a impossibilidade, de levar uma vida simplesmente em silêncio (talvez como Crátilo). Retorna, então, à Filosofia, para fazer a sua crítica, ou melhor, a crítica dos dogmatismos. Deste percurso nascerá uma filosofia de inspiração cética e que receberá o nome de neopirronismo. Bento Prado Jr. e Tércio Sampaio Ferraz respondem, e a polêmica se inicia, nas páginas da revista *Discurso*, e depois, na forma de livro. Particularmente interessante é o texto de Prado Jr., “Por que rir da filosofia?”.

Ora, a dedicatória de Porchat contém uma disjunção: estruturalismo ou não-estruturalismo? Neste texto, vou primeiramente tentar apresentar, em suas linhas gerais, em que consistiria o chamado “método estruturalista” em Filosofia. Em segundo lugar, apresentarei algumas críticas e objeções que podem ser feitas ao movimento assim constituído. Por último, farei um balanço do estruturalismo: o que merece ser conservado, o que precisa ser deixado de lado e o que se precisa levar adiante.

Minha segunda história diz respeito a outro grande professor, de quem tive a honra de ser aluno e orientando (pelo menos durante algum tempo), José Arthur Giannotti. Giannotti também estudou com Victor Goldschmidt, na mesma época em que Porchat (1956-1958).

Fui aluno de Giannotti logo no primeiro ano em que ingressei na Faculdade de Filosofia (1983). Giannotti acabara de voltar do exílio, e era o primeiro curso que dava. Quis ministrar “Introdução à Filosofia”, pois considerava que os alunos ingressantes precisavam ter uma visão geral da Filosofia, ministrada por um professor mais experiente, como era o seu caso. Giannotti tinha, então, por volta de 54 anos, e dizia que era o momento do ápice do filósofo, na visão de Platão. Segundo a cronologia de estudos estabelecida por Werner Jaeger, em *Paideia*, o filósofo atingiria o seu auge por volta dos 50 anos. Suas aulas me marcaram muito. Giannotti não apreciava aulas muito longas, pois considerava (e tendo a concordar com ele, hoje), que aulas muito longas tendem a provocar dispersão. Depois de algum tempo (entre uma e duas horas), os alunos não conseguem mais acompanhar e/ou reter o que está sendo dito. Embora tenha tido aulas com outros grandes professores (Marilena Chauí e Gérard Lébrun, para citar apenas dois) que, pelo contrário, efetuavam longas exposições, às vezes de 4 ou 5 horas, creio que, com frequência, isto tende a satisfazer mais o ego de quem profere as aulas do que beneficiar os alunos. Aliás, é minha tese de que aprendemos mesmo quando nós mesmos estudamos, lemos, e não quando ouvimos passivamente. Com todo o respeito – que tenho por meus grandes professores, aprendi muito mais, arrisco dizer, nas bibliotecas do que em salas de aula. Nestas, aproveitava as indicações de leitura, as quais, depois procurava na bem guarnecida biblioteca da FFLCH.

Voltando às aulas de Giannotti, aprendi como “filosofar com o martelo”! O professor literalmente martelava as novas ideias e autores: Lévi-Strauss, Antônio Cândido, Malinowski, Marx, entre outros. Esta pequena lista dá uma ideia de que a concepção de Filosofia de Giannotti não se restringia ao chamado “cânon”: a história da filosofia clássica, mesmo que ministrada através de Émile Bréhier, Chatelêt. Isto ele deixava para os outros professores, seus ex-alunos, a exemplo de Franklin Leopoldo e Silva., que o faziam muito bem. Mas Giannotti ensinava a pensar. O que se pode fazer com todos esses autores e ideias? O que você pensa sobre isso? Meu interesse multidisciplinar, hoje, se deve em parte, talvez, a esse aprendizado. Para pensarmos, não podemos – e não devemos – nos limitar às fronteiras “disciplinares” (como diria também Foucault, em *Vigiar e punir*, denunciando a proximidade entre a estrutura educacional e a prisional). O mundo não se reduz à Filosofia, ou à Economia, ou ao Direito, e assim por diante. Para pensar, é

preciso lançar mão de todos os recursos, da Literatura à Matemática, passando por todas as outras áreas. Já Aristóteles apontava o caráter enciclopédico, e circular, do conhecimento.

Para encerrar este relato autobiográfico, que já se prolonga, cito algo que ouvi de Giannotti, certa vez em que me dava uma carona de sua casa no Morumbi. Disse-me Giannotti, então, que quando foi para a França estudar com Goldschmidt, tinha a possibilidade de ir para os Estados Unidos, estudar com John Rawls. Perguntou-me, então: “Você já pensou como poderia ter sido diferente a história do Departamento de Filosofia [da USP] – e, portanto, da Filosofia no Brasil – se tivesse seguido para os Estados Unidos, em vez de para a França?”. É também a esta pergunta, de certa maneira, que tento responder neste texto.

Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos

“Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos” consiste em um posfácio à edição brasileira, na tradução de Ieda Porchat Pereira e Oswaldo Porchat Pereira de *A religião de Platão*, de Victor Goldschmidt (GOLDSCHMIDT, 1963). Ao que consta, trata-se de artigo publicado separadamente por Goldschmidt (GOLDSCHMIDT, 1953) e incluído na edição brasileira a pedido de Porchat. Constitui texto fundamental do chamado “método estrutural” ou simplesmente estruturalismo em Filosofia. Embora a expressão “método estrutural” não seja utilizada no texto – utiliza-se, em vez disso, “método dogmático” –, o texto é considerado uma espécie de “manifesto do estruturalismo” em Filosofia.

Quanto ao estruturalismo, este se originou dos cursos e escritos do linguista genebrino Ferdinand de Saussure (1857-1913). Foi Claude Lévi-Strauss, porém, quem levou o método para o campo da Antropologia, o qual revolucionou. A partir daí, o estruturalismo se espalhou por diversas áreas: Psicanálise (Lacan), História (Braudel e a Escola dos *Annales*, Literatura (Roland Barthes), entre outras (cf. DOSSE, 1994; 2017). Não é meu objetivo aqui, e nem é possível, traçar uma história do estruturalismo, mesmo que breve; para tanto remeto aos livros de Dosse citados. A título de curiosidade, apenas, reproduzo a seguinte passagem, que mostra o ambiente de rivalidade que havia, então, entre as diversas áreas. Diz François Dosse (2017, p. 154):

F. Braudel, já antes da guerra, tinha convivido com o antropólogo Claude Lévi-Strauss na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Ele tinha podido aquilatar o clima de rivalidade e de confrontação teórica, e não hesitava em ironizar [Maugé, *Les dents agacés*, p. 118 *apud* DOSSE] as pretensões científicas dos etnógrafos que se valem de belas construções matemáticas, sendo incapazes de resolver uma simples equação algébrica. Cada um, naquela faculdade de São Paulo, exaltava a superioridade de sua disciplina, espreitando o sucesso do outro.

Mas passemos ao texto. Segundo Goldschmidt, haveria duas maneiras de se interpretar um texto: “ele pode ser interrogado, seja sobre sua verdade, seja sobre sua origem; pode-se pedir-lhe que dê razões, ou buscar suas causas” (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 139). Em outras palavras, é o que o autor chamará, respectivamente, de método dogmático e de método genético. Ao primeiro, chama de eminentemente filosófico: “ele aborda uma doutrina conforme à intenção de seu autor e, até o fim, conserva, no primeiro plano, o problema da verdade; em compensação, quando ele termina em crítica e em refutação, pode-se perguntar se mantém, até o fim, a exigência da compreensão” (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 139). Não quero, aqui, efetuar uma paráfrase do texto, o que é sempre um risco quando se recorre a esse tipo de interpretação. Tampouco

quero misturar os momentos de análise e de crítica, mas é preciso, já aqui, antecipar algo que pode constituir um problema. Quando diz que “quando ele termina em crítica e em refutação, pode-se perguntar se mantém, até o fim, a exigência da compreensão”, desponta uma camisa de força, que, inclusive, subjugará futuros professores, e quem sabe, matará suas aspirações filosóficas, como dirá o próprio Porchat, anos mais tarde: “estamos contribuindo para a concretização desses impulsos, ou os estamos matando?” (PEREIRA, 2010, p. 21). Voltarei a isto.

Já o segundo, o método genético, ele pode ou não ser filosófico, mas, ao procurar as causas, arrisca-se a colocar em primeiro plano aspectos secundários, não conformes à intenção de quem escreveu.

Um aspecto importante do método dogmático, assim descrito, é sua “subtração ao tempo”:

[...] o método dogmático, examinando um sistema sobre sua verdade, subtrai-o ao tempo; as contradições que é levado a constatar no interior de um sistema ou na anarquia dos sistemas sucessivos, provê, precisamente, de que todas as teses de uma doutrina e de todas as doutrinas pretendem ser conjuntamente verdadeiras, “ao mesmo tempo” (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 139-140).

Anotemos este outro ponto: a pretensão se subtrair ao tempo.

Na sequência, Goldschmidt diz que “a filosofia é explicitação e discurso” (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 139-140). E prossegue:

Ela se explicita em movimentos sucessivos, no curso dos quais produz, abandona e ultrapassa as teses ligadas umas às outras numa ordem por razões. A progressão (*método*) desses movimentos dá à obra escrita sua estrutura e efetua-se num tempo lógico. A interpretação consistirá em reapreender-se, conforme à intenção do autor, essa ordem por razões e em jamais separar as teses dos movimentos que as produziram (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 139-140).

Outro ponto a destacar, e que parece ser a grande questão da época, a envolver estruturalistas e não estruturalistas, é a questão do método. Não por acaso, Sartre dera à introdução que fez a seu *Crítica da razão dialética*, o título de “Questões de método”. Claude Lévi-Strauss, no Posfácio a *O pensamento selvagem*, polemiza com Sartre, representante da geração anterior, dizendo que “quem uma vez se enreda nas malhas da subjetividade, delas nunca mais sai”. Era uma resposta ao epíteto de Sartre, dirigido evidentemente a Lévi-Strauss, os “idiotas da objetividade”. Vale a pena citar o início do texto de Sartre:

Para alguns, a Filosofia aparece como um meio homogêneo: os pensamentos nascem e morrem nele, os sistemas nele se edificam para nele desmoronar. Outros consideram-na como uma certa atitude cuja adoção estaria sempre ao alcance de nossa liberdade. Ainda para outros, é vista como determinado setor da cultura. Em nossa opinião, a Filosofia *não* existe; sob qualquer forma que seja considerada, essa sombra da ciência, essa eminência parda da humanidade não passa de uma abstração hipostasiada. De fato, existem *várias* filosofias (SARTRE, 2002 [1960], p. 19, grifos do autor).

Já para Goldschmidt, e, portanto, para o estruturalismo, “Doutrina e método [...] não são elementos separados. O método se encontra em ato nos próprios movimentos do pensamento filosófico, e a principal tarefa do intérprete é restituir a unidade indissolúvel deste pensamento que inventa teses, praticando um método” (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 141). Em seguida, remete a Descartes. E, de fato, Descartes parece ser o grande inspirador desse método. Bastaria lembrar, para começar, das “Regras para a direção do espírito” e do *Discurso do método*. Mas, no prefácio

aos *Princípios de filosofia*, dizia Descartes a respeito da melhor maneira de ler seu texto – e, pode-se presumir, de ler textos de filosofia em geral:

Eu acrescentaria também uma palavra de advertência no que concerne à maneira de ler este livro, que é que eu gostaria que o percorressem em primeiro lugar por inteiro, como um romance, sem forçar muito sua atenção nem se deter em dificuldades que se possam encontrar, para saber por alto, apenas, quais são as matérias de que tratei; depois disso, se julgarem que elas merecem ser examinadas e que se tenha a curiosidade de conhecer suas causas, podem lê-lo uma segunda vez para observar a sequência de minhas razões; mas que não se deve de imediato afastar se não for possível conhecê-las todas; é preciso somente marcar com um traço de pluma os lugares em que se encontrar dificuldade e continuar a ler sem interrupção até o fim. depois, se retomarem o livro pela terceira vez, ousar crer que encontrarão a solução para a maior parte das dificuldades que se tiver observado antes, e se encontrarem ainda algumas, encontrarão a solução relendo mais uma vez (DESCARTES [1644], 1953, p. 564, tradução nossa [LPR])².

Outra palavra-chave, que aparece no texto de Goldschmidt, é *estrutura*. Diz ele:

Os movimentos do pensamento filosófico estão inscritos na *estrutura* da obra, nada mais sendo esta estrutura, inversamente, que as articulações do método em ato; mais exatamente, é uma mesma estrutura, que se constrói ao longo da progressão metódica e que, uma vez terminada, define a arquitetura da obra (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 143, grifos do autor).

É aí que vai intervir o tempo da interpretação, o tempo lógico. Assim diz na sequência: “[...] falar de movimentos e de progressão é, a não ser que fique em metáforas, supor um tempo, e um tempo estritamente metodológico ou, guardando para o termo sua etimologia, um *tempo lógico*” (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 143, grifos do autor).

O que é esse tempo lógico? Trata-se de um tempo subtraído à vida, ou de “não-vida” na expressão de Bachelard, citado por Goldschmidt, que acrescenta: “Esta ‘temporalidade’ está contida, como cristalizada, na estrutura da obra, como o tempo musical na partitura” (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 143).

Por último, nesta breve e incompleta análise do texto-manifesto de Goldschmidt, gostaria de destacar a questão da “responsabilidade filosófica”. Ao dar prioridade, exclusividade mesmo à obra escrita e publicada com autorização do autor, o intérprete quer se certificar de que a doutrina que está examinando recebeu a chancela de quem escreve. Assim, termina ele:

Seja qual for o valor dos inéditos, eles não são, enquanto concebidos num tempo unicamente vivido, construídos no tempo lógico, que é o único a permitir o exercício da responsabilidade filosófica. [...] o historiador não é, em primeiro lugar, crítico, médico, diretor de consciência; ele é quem deve aceitar ser dirigido, e isso, consentindo em colocar-se nesse tempo lógico, de que pertence ao filósofo a iniciativa (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 146-147, *in fine*).

² No mesmo sentido, veja-se entrevista de Martial Guérout, de 20 e 27 de maio de 1970, traduzidas e editadas pelo professor Ivan Domingues, a quem agradeço o envio do texto. Diz ele, por exemplo: “É possível – e além do mais desejável – chegar a ler segundo seu sentido verdadeiro o texto de um filósofo. [...] A dificuldade [...] é que é preciso primeiro ler para compreender o filósofo, e já conhecê-lo um pouco para lê-lo bem, a segunda leitura não devendo sair entretanto da primeira, mas lhe acrescentar para controlá-la, evitando deixar-se enganar pelos pré-julgamentos oriundos da primeira”.

Discurso aos estudantes de Filosofia: o antídoto

Em aula inaugural, nos anos 1990 (possivelmente, 1996), Oswaldo Porchat profere o “Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em Filosofia”. Trata-se um *mea culpa* em relação à introdução e aplicação do método estrutural, o que, segundo ele, levou a distorções. Se, por um lado, ensinou mais de uma geração a ler os textos dos filósofos, colocando em segundo lugar aspectos como a psicologia do autor, o contexto histórico, sua biografia etc., dando prioridade à interpretação da intenção dos autores (*ad mentem auctoris*), por outro, pode ter contribuído para matar, no início, a vocação para a filosofia autoral.

Quando fiz minha graduação, nos anos 1980, ainda prevalecia esse espírito, e os professores advertiam que éramos ou seríamos “historiadores da filosofia”, não filósofos. Que filósofos eram aqueles cujos livros estudávamos. O intérprete tinha que se apagar, submeter-se aos autores. Em outras palavras, aprendi que filósofo bom é filósofo morto! (Minha expressão, LPR).

Com o tempo, e talvez já no final da graduação e início do Mestrado, aprendi a me rebelar contra essa tirania do método. Em minhas palavras, também, *a humildade epistemológica não deve suprimir o pensamento* (LPR).

É de certa maneira o que diz Porchat, em sua aula inaugural. Em suas palavras:

A atual geração dos professores de Filosofia do Departamento de Filosofia da USP teve negadas todas as condições que propiciam a boa iniciação à prática da Filosofia. Seus mestres, eu sou um deles, lhe negaram todas, os prepararam apenas para que se tornassem bons historiadores da Filosofia. E eles assim se tornaram, o que é muito bom. Mas foram educados – ou deseducados – no temor malsão da criatividade filosófica, o que foi muito mau. Sob esse aspecto, nós, os mestres deles, miseravelmente falhamos. Meu *mea culpa* vem muito tarde, eu sei. Embora da confissão se possa talvez dizer o mesmo que o poeta disse da liberdade: *quae sera, tamen...* (PEREIRA, 2010, p. 33).

Assim, para reforçar, é verdade que o método estrutural constitui, ainda hoje, uma das melhores vias de acesso à História da Filosofia, ou à História das doutrinas filosóficas, à compreensão de seu método. Assim, diz Porchat:

Todos sabem que fomos formados na sólida tradição historiográfica francesa e que sua influência sobre nós foi extraordinariamente importante, particularmente sob a forma do assim chamado método estruturalista de leitura e estudo das obras filosóficas. Os nomes de nossos grandes professores franceses, de Martial Guérout e, em particular, do meu saudoso e amado Victor Goldschmidt, são de todos vocês conhecidos e nunca é demais renovar-lhes o preito de nossa gratidão. Eles nos ensinaram o rigor metodológico na leitura, mostraram-nos como tentar reconstruir uma doutrina *ad mentem auctoris* (PEREIRA, 2010, p. 19).

E afirma também, na sequência, sua confiança nesse método, em um “primeiro passo”:

Permitam-me dizer-lhes que continuo totalmente convencido de que se trata possivelmente do melhor método para lograr uma primeira hipótese interpretativa, e de um primeiro passo indispensável para qualquer apreensão do significado e escopo de um sistema filosófico (PEREIRA, 2010, p. 19).

Mas, para a pesquisa em Filosofia, isso não basta. A ênfase exagerada na historiografia e na História da filosofia pode levar a um fenômeno que Harold Bloom descreveria como a “angústia da influência” (BLOOM, 2013), ou seja, à ideia de que não se pode superar, ou dizer melhor, o que nossos antecessores disseram ou fizeram. Porchat prossegue em seu *mea culpa*, e incentiva a uma mudança:

[...] cabe acrescentar que se deve dar maior atenção, nos cursos de História da Filosofia, aos autores contemporâneos, às tendências principais do pensamento filosófico de nossos dias, às suas várias linhas de força, incentivando nossos alunos a se interessarem por elas e a trabalhá-las. [...] Carregando um pouco nas cores, eu diria que temos demasiadamente ignorado, ou quase ignorado, algumas importantes tendências e autores que estão influenciando decisivamente o pensamento contemporâneo e que são objeto de estudo e discussão nas melhores universidades do Ocidente (PEREIRA, 2010, p. 26).

É hora de concluir estas reflexões, efetuando um balanço do que até aqui foi discutido.

Conclusão

Em primeiro lugar, procurei efetuar uma apresentação do estruturalismo a partir de sua versão mais evidente. O texto de Victor Goldschmidt, “Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos” constitui, ainda hoje, uma espécie de guia para a aplicação do método estrutural, dogmático ou qual seja o nome que se dê a ele. Ele consiste, em essência, em procurar se aproximar o máximo possível da verdadeira intenção do autor, atentando àquilo que ele mesmo (ou ela mesma) tiver se proposto a fazer, de acordo com a doutrina contida no conjunto de sua obra. Não é se examinando textos isolados, mas lendo e relendo os diversos trabalhos do autor e colocando-os em relação, segundo a *estrutura* que se pode supor a partir do *método* empregado pelo autor. Descartes, nesse sentido, constitui autor paradigmático, pois não só aplicou esse método como escreveu a respeito dele. Nem sempre se tem essa sorte.

Victor Goldschmidt o aplicou à interpretação de Platão. Tanto em *A religião de Platão*, em que extrai os elementos da concepção religiosa de Platão a partir da análise interligada dos diálogos, quanto em *Os diálogos de Platão: Estrutura e método dialético* (GOLDSCHMIDT, 2002). Martial Guérout o fez a propósito de Descartes, em *Descartes segundo a ordem das razões* (GUÉROULT, 2016). São exemplos bem-sucedidos, pode-se dizer, da aplicação do método.

No entanto, pode-se apontar certo elemento conservador no método estrutural, assim concebido. Em primeiro lugar, o lugar central é ocupado pela interpretação, que chega às raízes da paráfrase. Bento Prado Jr. teria ironizado, dizendo que Guérout compreendeu Descartes melhor do que ele mesmo.

O Descartes de Guérout corresponde exatamente às *Meditações* de Descartes; trata-se, no fundo, do mesmo livro, mas tal como seria escrito por um Descartes que fosse integralmente Descartes. Não se trata, propriamente, de um livro “sobre” Descartes, mas de um livro que retoma a palavra cartesiana, pondo em evidência todos os elos da longa cadeia de razões que até então haviam permanecido na sombra. Descartes é um Guérout parcial e Guérout é um Descartes liberto de suas limitações; seu livro preenche todas as lacunas deixadas em branco pelo livro de Descartes³.

Por que conservador? Porque não parece permitir a crítica; porque tenta se subtrair ao tempo, ao tempo vivido, à vida. Trata-se, de certa maneira, de um esforço cientificista de cunho neopositivista. Por que isolar o tempo, a vida? Pode-se fazer uma analogia, a esse respeito, com Lévi-Strauss, que de certa maneira é o grande inspirador e modelo do estruturalismo. Assim diz Dosse: “O anti-historicismo e a invariância são as características da obra de Claude Lévi-Strauss, que concebe a mitologia e a música como ‘máquinas de suprimir o tempo’” (DOSSE, 2017,

³ Prado Jr. (1997), citado por Richard Simanke, em aula inaugural no PPGFIL-UFSJ, em 2023. Agradeço a ele pela referência.

p. 161). E assim o define Lefebvre: “O estruturalismo é a ideologia do equilíbrio [...] é a ideologia dos *status quo*” (apud DOSSE, 2017, p. 168).

Por esse motivo, não podemos nos ater ao método estrutural. Ele pode ser um bom ponto de partida, um “primeiro passo”, como diz Porchat, mas devemos utilizá-lo para alcançar uma compreensão mais ampla da História da Filosofia e dos sistemas filosóficos, mas depois, deixá-lo de lado, a fim de *pensar*, a fim de fazer filosofia, tendo em vista a *responsabilidade filosófica*. Não podemos nos limitar a ficar repetindo citações, que ameaçam se tornar lugares-comuns desprovidos de verdadeiro interesse.

Então, talvez, uma combinação entre a exigência de rigor metodológico e a ênfase na História da Filosofia, por um lado, e a exigência ou tarefa do pensamento, por outro, forneçam a mistura que permita à Filosofia, enfim, seguir em frente, uma vez que, malgrado os esforços estruturalistas, não é possível deter o tempo. Pelo menos do ponto de vista da Física, o tempo é um vetor com um sentido único, ainda que se possa conceber caminhar ao longo da linha do tempo, como previa Einstein. Em suma, uma combinação entre o rigor e a simpatia de Oswaldo Porchat Pereira, e as “marteladas” de José Arthur Giannotti.

Enfim, respondendo a Porchat, diria: estruturalismo e não estruturalismo. É possível, e necessário, combinar os dois. Tomei o estruturalismo, aqui, apenas em sua versão mais evidente, no texto de Goldschmidt. A análise do “estruturalismo” de Michel Foucault, por exemplo, nos levaria muito longe. Além disso, já foi efetuada por outros (cf. DOMINGUES, 2023).

Referências

- BLOOM, H. *A anatomia da influência*. Trad. Renata Telles. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- DESCARTES, R. *Oeuvres et lettres*. Paris: Gallimard, 1953. (Col. Bibliothèque de la Pléiade).
- DOMINGUES, I. *Foucault, a Arqueologia e As palavras e as coisas – 50 anos depois*. Belo Horizonte: Humanitas, 2023.
- DOSSE, F. *A história à prova do tempo – Da história em migalhas ao resgate do sentido*. 2. ed. rev. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Ed. UNESP, 2017.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio, 1994.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GOLDSCHMIDT, V. *A religião de Platão*. Trad. Ieda Porchat Pereira e Oswaldo Porchat Pereira. São Paulo: DIFEL, 1966.
- GOLDSCHMIDT, V. *Os diálogos de Platão: estrutura e método dialético*. 3. ed. Trad. brasileira. São Paulo: Loyola, 2002.
- GOLDSCHMIDT, V. Temps historique et temps logique dans l'interprétation des systèmes philosophiques. *Proceedings of the XIth International Congress of Philosophy*, v. 12, 1953, p. 7-13. Disponível em: https://www.pdcnet.org/wcp11/content/wcp11_1953XII_0007_0013. Acesso em: 22 maio 2024.
- GUÉROULT, M. *Análise de estruturas como método de leitura das obras filosóficas*. Entrevista radiofônica cedida a M.-C. Pernot, nos dias 20 e 27 de maio de 1970. Trad. Ivan Domingues. Texto cedido pelo tradutor.

GUÉROULT, M. *Descartes segundo a ordem das razões*. Trad. Érico Andrade et. al. São Paulo: Discurso Editorial, 2016.

PEREIRA, O. P. Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em filosofia. *Revista Fundamento*, Ouro Preto, v. 1, n. 1, set./dez. 2010, p. 18-33.

PEREIRA, O. P.; PRADO JR. B.; FERRAZ, T. S. *A filosofia e a visão comum do mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PRADO JR., B. Leitura e interrogação: uma aula de 1966. *Dissenso*, v. 1, 1997, p. 155-171.

SARTRE, J.-P. *Crítica da razão dialética*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Sobre o autor

Luiz Paulo Rouanet

Doutor em Filosofia pela USP (2000). Realizou pós-doutorado na UNICAMP, com o tema Filosofia da natureza de Kant, e na UFMG (2018-2019), com o tema Novo estudo sobre o ser em Parmênides. É Professor Associado II da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Professor do Departamento de Filosofia e Métodos em Filosofia da UFSJ. Publicou *Rawls e o enigma da justiça* (2002) e *Paz, justiça e tolerância no mundo contemporâneo* (2010). Organizou, com outros autores, as coletâneas *Razão mínima* (2004), *Rouanet 80 anos* (2014), *Ética e direitos dos animais* (2016) e *Democracia e representação* (2021), entre outras. É tradutor profissional, com dezenas de livros publicados. É membro do GT-Filosofia e Direito da ANPOF, membro emérito do GT Ética e membro da Sociedade Platônica Internacional. Atual Vice-coordenador do PPFIL-UFSJ. Coordena o Grupo de Estudos sobre a Guerra e a Paz (GEGEPA), na UFSJ.

Recebido: 14/06/2024
Aprovado: 24/07/2024

Received: 06/14/2024
Approved: 07/24/2024